

O Planalto não aposta

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — Encerrada a trajetória do cometa Sílvio Santos, o Palácio do Planalto vislumbra um céu nublado para o dia 15 de novembro, aliás, a próxima quarta-feira. Na avaliação



ção de assessores do presidente José Sarney, ainda poderá haver surpresas e os principais candidatos chegarão "embolados": Collor cairá um pouco mais, Brizola e Lula ficarão estáveis, Covas continuará subindo nos grandes centros.

O surgimento de Sílvio Santos não foi apenas um "fato novo" político, mas também um complicador para o entendimento dos eleitores e, em consequência, das pesquisas. "As informações passaram a não bater", diz um dos assessores do presidente. Ele garante que ontem mesmo começaram novos cruzamentos, pesquisas e avaliações do processo, sempre conduzindo à conclusão de que o primeiro turno está "embolado".

Até mesmo Guilherme Afif Domingos, do PL, e preferido por alguns setores do governo e do próprio Planalto, poderá ter uma votação maior do que prenunciavam as pesquisas. Motivo: tem base em São Paulo, criou afinidades com Minas Gerais, angariou apoios políticos em Santa Catarina. Não o suficiente para ganhar — imagina-se com ou ao redor de Sarney — mas para ter mais votos do que o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães. É esperar para crer.

O Palácio do Planalto trabalha com diferentes fontes de aferição eleitoral. A mais importante é o "trabalho de repórter" feito por agentes do Serviço Nacional de Informações (SNI) em todo o país: eles conversam aqui, ouvem dali, frequentam lugares públicos

e, mesmo sem planilhas de entrevistadores dos institutos de pesquisas, "sentem" tendências. Pelo menos é o que garante um ex-integrante, muito ilustre, do Planalto.

Dados dos agentes do SNI não chegam aos computadores, nem em forma de números. Chegam aos analistas e em forma de textos confidenciais. Um político de esquerda que participou do governo Sarney no seu primeiro ano, e de dentro, garante que esses dados são confiáveis.

Nas eleições municipais de 1985, por exemplo, o índice de acerto foi "surpreendente". E, agora, ainda há o frenético cruzamento dos índices das pesquisas — não os que vêm secamente à público, mas aqueles detalhados e enriquecidos, que circulam em públicos restritos, como os com-
pradores das pesquisas.

Um dado importante que começou a ser trabalhado já ontem: qual é a capacidade de transferência de votos do ex-quase-candidato Sílvio Santos. Se continuasse no páreo, estaria dando 14% de intenções de votos à ficção Armando Corrêa, o número 26 da cédula. E isso em apenas 10 dias. Por isso, opinam assessores qualificados de Sarney, o mais provável é que o candidato tenha cedido a vez a um especialíssimo eleitor. Além de Paulo Maluf, do PDS, pode haver outros candidatos disputando a herança.

COINCIDÊNCIA?

O presidente José Sarney ocupou mais de um minuto de seu direito de resposta no programa do PRN com um filme em que aparece numa solenidade ao lado do então governador Fernando Collor de Mello. Num discurso, Collor enche Sarney de elogios e agradece as obras do governo federal em Alagoas, principalmente a Barragem de Xingó.

Trata-se do mesmo filme (apenas mais completo) que já foi ao ar no programa do PDT. A origem das cópias é uma só: A Rádiorádio, uma das estatais mais atreladas ao Palácio do Planalto.